

Sincretismo religioso e turismo cultural: a celebração do Reinado em Ouro Preto (MG) no contexto da pandemia da Covid-19

Religious syncretism and cultural tourism: the celebration of Reinado in Ouro Preto (MG) in the context of Covid-19 pandemic

Lázaro César Dias

Mestre em Economia e Desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em Economia e Desenvolvimento da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria/RS, Brasil
E-mail: lzar.cezard@gmail.com

Laís Stefani Ferreira

Mestranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória/ES, Brasil
E-mail: laisstefani270109@gmail.com

Samilly Loures de Freitas

Mestranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória/ES, Brasil
E-mail: samillyloures@gmail.com

Artigo recebido em: 15-08-2021

Artigo aprovado em: 11-11-2021

RESUMO

O turismo cultural refere-se à movimentação de pessoas por motivações essencialmente culturais. Em Ouro Preto, Minas Gerais, cidade de forte tradição religiosa, o evento do Reinado atrai significativo fluxo de turistas no mês de janeiro. A pesquisa busca entender como a atividade turística e as cadeias locais movimentam-se na organização e realização do Reinado, e analisa como essa manifestação religiosa foi adaptada para o contexto da pandemia da Covid-19. A análise de conteúdo da entrevista destaca que, em 2021, as cadeias da economia local foram parcialmente interrompidas, o que não impediu que o evento fosse realizado de forma alternativa, digital, e seguindo as medidas de distanciamento. O evento, imã de significativo fluxo de turistas e visitantes no mês de janeiro, constitui-se como um resgate “cristianizado” à África, sincrético.

Palavras-chave: Turismo Cultural. Sincretismo. Pandemia da Covid-19.

ABSTRACT

Cultural tourism refers to the movement of people for essentially cultural reasons. In Ouro Preto, Minas Gerais, a city with a strong religious tradition, the "Reinado" attracts many tourists in January of each year. The paper seeks to understand the tourism and local economic activities, before and during the event, and how this religious manifestation was adapted for the context of the Covid-19 pandemic. The analysis of the interview identified that, in 2021, the touristic economic activities were partially interrupted, which did not prevent Reinado from happening in an alternative and digital way, following the distancing recommendations. The event is a “Christianized” rescue to Africa, a syncretic manifestation.

Keywords: Cultural Tourism. Syncretism. Covid-19 Pandemic.

1. INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade social, geradora de emprego e renda (Nogueira, 1987). O Brasil tem potencial pujante acerca das atividades características do turismo (ACTs), tendo em vista a riqueza de sítios culturais, eventos, ecossistemas exuberantes, entre outros atrativos (Takasago, Guilhoto, Mollo, & Andrade, 2010). Em específico, o turismo religioso movimentava as cadeias de trabalho e renda em destinos de Norte a Sul do Brasil (Silveira, 2007). A religião vincula-se a especificidades culturais, sendo o turismo cultural atividade ligada à movimentação de pessoas, atrelando-se a motivações culturais em essência, tal quais eventos culturais e artísticos, teatralidades, festivais etc. (Richards, 2009).

Em Ouro Preto, o evento do Reinado atrai significativo fluxo de turistas e visitantes no mês de janeiro, padrão que se observa nas pesquisas de demanda turística, realizadas até 2018. Após esse período a Secretaria de Turismo de Ouro Preto deixou de realizar a investigação. A cidade tem forte tradição religiosa, principalmente do catolicismo, desde seu surgimento, em 1711, enquanto Vila Rica. As festas religiosas do município atraem milhares de visitantes, com celebrações organizadas o ano todo¹. Uma delas é a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, que acontece todo segundo domingo de janeiro. A festa conta tradicionalmente com aproximadamente 35 guardas de congado saindo do bairro Alto da Cruz, passando pela Igreja de Santa Efigênia em direção a Mina Chico Rei (Santos, 2019).

Em 2021, tal como outras festividades e atividades relacionadas a eventos, a Pandemia da Covid-19 desacelerou essas cadeias econômicas, em específico afetando fortemente o trabalho informal, muito relevante no turismo. O descontrole da doença no Brasil gerou e tem gerado uma série de restrições e/ou fechamento parcial das nossas conexões com o exterior e, portanto, diminuindo o fluxo de turistas. De acordo com informações da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), obtidos no site Dados e Fatos (2021) do Ministério do Turismo, o aeroporto de Guarulhos (São Paulo), um dos principais canais de entrada de voos internacionais do país, registrou entre janeiro e março de 2020, 1.579.511 desembarques internacionais, de passageiros residentes e não-residentes. No mesmo período de 2021 ano esse valor foi 261.282, o que representa 16,5% do quantitativo anterior.

Corbari e Grim (2020) analisam os impactos da pandemia no turismo em Curitiba, Paraná, destacando o fechamento de empreendimentos e atrativos, que coibiram a prestação de

¹ A partir de informações coletadas no site da Secretaria de Turismo de Ouro Preto (Seturop, 2021), aba Pesquisas, estima-se que, a cidade receberia cerca de 500 mil visitantes por ano, conta com aproximadamente 4375 leitos de hotelaria distribuídos em mais de 150 meios de hospedagem.

serviços do setor. O estudo de caso de Oliveira e Capraro (2020), pautado no *Fútbol Club Barcelona*, sublinha os efeitos deletérios causadas pelo vírus na cidade cosmopolita da região de Catalunha na Espanha. O clube, para mitigar esses impactos, incorporou uma série de medidas em sua agenda e ações virtuais, no sentido de estimular parcialmente suas atividades. Nesse sentido, protocolos com medidas de retorno gradual e com segurança vem sendo elaborados e discutidos por organizações e pesquisadores. Rêgo, Barros & Lanzarini (2021) sistematizam treze protocolos, indicando medidas que possam orientar o retorno gradual do turismo e de eventos enquanto as campanhas de vacinação avançam pelo mundo.

Tendo em vista os importantes significados da Festa do Reinado à cultura local e regional de Minas Gerais, esse estudo arquiteta-se a partir do seguinte problema de pesquisa: como a pandemia do coronavírus afetou as práticas ligadas à religiosidade dos devotos da Festa do Reinado 2021 e o fluxo turístico (de visitantes e de outros grupos de Congado) desse evento em Ouro Preto - MG?

A presente pesquisa é necessária por propor a observação da fé, da crença, da religiosidade de uma festa culturalmente rica para Minas Gerais e especificamente para Ouro Preto. Também por buscar entender como a atividade turística e as cadeias locais movimentam-se na organização e realização do Reinado, propondo analisar como essa manifestação religiosa foi adaptada para o contexto de pandemia. A estrutura da pesquisa apresenta esta introdução, uma segunda seção teórica, a terceira seção refere-se a metodologia, a quarta analisa o conteúdo da entrevista realizada e, a quinta parte encerra o estudo com considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Identidade, Cultura e Sincretismo Religioso

Para Cucho (1999), as identidades culturais remetem às identidades sociais, ou seja, elas estão associadas a um sistema social que permite a um indivíduo se localizar. A cultura se dá como resultante de processos concomitantes inconscientes e difere-se da identidade cultural já que esta realiza-se conscientemente, é somatório das identidades individuais dos atores, esta que se organiza e se molda a partir da interação entre os demais. A identidade social localiza e está localizada no contexto de um sistema social mais amplo (Cucho, 2002). Sendo dependente, portanto, de relações sociais que se constroem e desconstroem ao longo do tempo.

Segundo Hall (1997) os códigos de significados ou sistemas dão sentido às ações, permitem interpretar as ações de outras pessoas, e quando realizadas coletivamente formam culturas. Assim, toda ação social, conjunta, é cultural; a cultura nacional caracteriza-se como

“um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (Hall, 2006, pp. 50). Essa concepção de si faz com que o indivíduo não só participe como também crie realidades que podem ser compartilhadas, o que vai influenciar na organização social, que pode ser entendida como uma estrutura de arranjos políticos, econômicos, culturais, religiosos e morais. Sendo assim, consoante a Santos (2002), a organização social é primordial para a formação do território, constituindo-se de acordo com os interesses e necessidades dos indivíduos.

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (Santos, 2002, pp. 10).

Se tratando do território e suas conexões materiais e imateriais, faz-se necessário mencionar aqui a Geografia da Religião. No Brasil, duas perspectivas teóricas da Geografia da Religião – campo de conhecimento que se debruça sobre o fenômeno religioso e a dinâmica espacial humana – se destacam. A primeira buscaria apreender as manifestações espaciais das festas religiosas a partir das impressões destas celebrações nas paisagens. Uma segunda destacaria a organização fenomenológica, ou seja, o interesse está na compreensão do conjunto de fenômenos, no tempo e espaço, que formam e transformam a religião. (Pereira, 2013). Para Rosendahl (1995), nesse espaço de convívio e interação, a territorialidade dos sistemas religiosos acarretaria coexistência pacífica, instabilidade e competição, e, intolerância e exclusão, comportamentos complementares não excludentes.

Território e sincretismo estão umbilicalmente atrelados. O conceito de sincretismo remete à negociação, interação, confronto, transmissão, mistura, adaptação, assimilação ou, pode ser entendido também como uma conjunção reinterpretativa, que assinala aspectos da mudança cultural com transformações de valores e identidades intrageracionais, com exemplos relacionados com as religiões afro-brasileiras (Ferretti, 2001).

No Brasil, a prática só é possível por causa da realidade religiosa do país, em que há um relacionamento constante de diferentes crenças, no próprio núcleo familiar ou entre amigos, por exemplo, apesar desses relacionamentos não serem sempre harmoniosos. Segundo Sanchis (1994), o sincretismo supõe um processo ao mesmo tempo intelectual e emocional, fundamentalmente inconsciente, mas em que também é possível reflexão. Nele há necessariamente uma demarcação de poderes, em que o indivíduo passa a fazer arranjos.

O processo se dá, em geral, no interior de uma relação duplamente desigual entre duas culturas, duas religiões, uma religião e uma cultura. A primeira desigualdade corresponde a uma situação objetiva de superioridade: conquista, dominação de classe, dominação política, hegemonia, cultural ou diretamente religiosa etc. Significa dizer que, na maioria das situações, o processo sincrético não funciona senão num sentido pré-orientado e/ou pré-constrangido por relações de poder (Sanchis, 1994, pp. 7).

O Reinado, cuja história será explorada na sequência, portanto, compõe uma festa sincrética. A celebração evidencia essa relação por utilizar-se de elementos de matriz africana e de elementos do catolicismo, tendo assim uma mistura provinda do sincretismo. De acordo com Canevacci (2013), é necessário entender o sincretismo também em uma dimensão cultural, capaz de elaborar fluxos diferenciados, multiplicados, e fragmentados, os quais aceitam irregularidades, conflitos e tensões.

As principais histórias sobre a origem da Festa do Reinado estão atreladas à época escravista do país (Santos, 2019). Nota-se, portanto que, mesmo escravizados, os negros conseguiram introduzir parte de sua cultura, que era a todo momento reprimida. O sincretismo religioso tornou-se, assim, a fazer parte da identidade desse povo. Segundo Cuche (2002), os indivíduos podem se definir de várias maneiras, não apenas pertencente a uma única identidade.

No Brasil, por haver "um pluralismo de tipo peculiar, que o caráter regulador do catolicismo não conseguiu disfarçar" (Sanchis, 1997, pp. 42), a junção de crenças diferentes no Reinado não só é possível como culmina em festa. Para os reinadeiros, esse arranjo não é conflitante, e traz à memória um passado ressignificado.

De acordo com Hall (2006), as nações não são apenas entidades políticas, mas também comunidades imaginadas, com poder para gerar sentimentos de identidade e lealdade. Assim, as pessoas estão construindo, ou melhor, resgatando uma história que desejam celebrar através de códigos de significados. O indivíduo então, dentro do Congado, encontraria tradições que remetem aos seus antepassados, e que foram passados de geração para geração, constituindo sua própria identidade cultural.

2.2. Festa do Reinado

A tradição do congado, que dá origem à festa do Reinado, tem algumas histórias que indicam quando se deu seu surgimento. Uma das principais, que remonta a origem do congado, é a aparição de Nossa Senhora do Rosário no mar, no tempo da escravidão. Mesmo após inúmeras tentativas de retirá-la, os brancos não obtiveram sucesso (Santos, 2019). Somente no momento em que deixaram os negros tentarem é que foi possível recuperá-la. Segundo a Associação Amigos do Reinado - Amirei (2012, pp. 8-14 *apud* Santos, 2019),

Os negros foram até a mata, cortaram três troncos de árvore, abriram um buraco no meio, estenderam em cima dele um couro de cabra curtido. Começaram a cantar na língua dos povos africanos [...]. Surge o primeiro tipo de Congado: o CANDOMBE. O toque dos tambores e os cantos fizeram a imagem se mover muito lentamente na direção do continente.

Este momento foi marcado não apenas pela tentativa dos escravizados em salvar a imagem de uma santa negra, mas também pelo fato de que para tal, estes usaram de elementos culturais próprios para o êxito, tocando tambores para cantarem em suas línguas maternas e dançarem de acordo com sua cultura. O congado é uma manifestação de matriz africana, mas que perpassa o sincretismo com o catolicismo, visto que, tem-se nesse momento a saudação a uma divindade cultuada no catolicismo (Amirei, 2012 *apud* Santos, 2019).

Outra história que remete ao surgimento do congado provém da cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais. Isso começa quando Galanga, um Rei Congo, foi trazido como escravo para Minas Gerais para trabalhar nas minas de ouro. Galanga, rebatizado como Francisco, passou a explorar uma mina já não mais em funcionamento, tendo assim, condições de comprar a sua própria e com o dinheiro, a alforria de seu povo. Este rei ficou conhecido por Chico Rei. (Santos, 2019). A Irmandade Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia intitula-se como descendentes de Chico Rei e, portanto, seguem as tradições do congado, a partir do mito do próprio. Segundo Santos (2019, pp. 48), “a cidade [de Ouro Preto] que carrega o título de ser a origem do Congado pelo mito de Chico Rei, ainda apresenta grupos resistentes que lutam, tocam e dançam para continuar existindo”.

Entretanto, essa tradição quase se perdeu ao longo dos anos. Segundo Santos (2019), a Igreja Católica em Ouro Preto chegou a proibir as manifestações do congado na região, o que quase extinguiu os grupos e com isso suas tradições e também sua conexão com a ancestralidade. Com menor fiscalização do que na sede, o festejo continuou a existir nos distritos mais afastados, onde poderiam manter seus festejos. Somente em 2019, o congado foi declarado patrimônio imaterial da cidade de Ouro Preto. A celebração resistiu ao tempo e a todas as repressões.

Segundo Silva, para entender o que é o Congado, é necessário compreendê-lo como ritual, interpretando rigorosamente, além dos seus elementos simbólicos (cânticos, danças, gestos, imagens, entre outros), a interpretação dada pelos próprios sujeitos do Congado ao ritual. Por isso, o Congado é a definição mais simples para designar a “reunião de todos os Termos”, através dos quais seus bailados, ritmos dos tambores e cânticos próprios, representam essa manifestação ritualística. Mesmo nos lugares aonde não fundaram tais irmandades, embora vinculado de alguma maneira aos festejos da Igreja católica local, o Congado surgiu autônomo” (SILVA, 2010 *apud* QUEIROZ, 2013, pp. 24).

Além de entender o Congado, é igualmente relevante compreender a diferença entre ele e o Reinado, como ressalta Leda Martins (1997, pp. 31-32):

Ternos ou guardas de Congo podem existir individualmente, ligados a santos de devoção em comunidades onde não exista o Reinado. Os Reinados, entretanto, são definidos por uma estrutura simbólica complexa e por ritos que incluem não apenas a presença das guardas, mas a instauração de um Império, cuja concepção inclui variados elementos, atos litúrgicos e cerimoniais e narrativas que, na *performance* mitopoética, reinterpretem as travessias dos negros da África às Américas.

Outro ponto que se deve atentar na história da formação do congado e do Reinado eram os interesses dos brancos em permitirem que seus escravos tivessem algum destaque. Para além de todo o resgate das religiões de matriz africana e de suas próprias identidades perdidas ao longo do sistema de escravidão em que foram submetidos, as manifestações do congado eram também uma forma tanto dos senhores de escravos evitarem revoltas, como da Igreja Católica de sobrepor sua religião às de matrizes africanas, prolongando o sistema escravista (Queiroz, 2013). Para os negros escravizados era uma forma de fazerem parte da sociedade, a partir das práticas religiosas. O Reinado para além de manifestação de resistência e inclusão, “reforça a importância da tradição como cultura de referência no processo de construção da identidade negra” (Queiroz, 2013, pp. 33). A Festa do Reinado, portanto, busca manter viva as tradições que foram trazidas e adaptadas por seus antepassados.

No último dia de celebração é realizado também o cortejo. Ele reúne as guardas e atrai turistas de várias partes de Minas Gerais e de outros estados. Resgata-se identidades culturais, e pode-se notar a busca por alcançar territórios centrais. O cortejo se inicia no Alto da Cruz, um bairro periférico, até um bairro central, o Antônio Dias. A busca da ancestralidade vem acompanhada de ocupação de espaço territorial físico.

2.3. Turismo Cultural e Religioso

Todas as atividades características do turismo envolvem algum elemento cultural (Richards, 2009). Ademais, Ouro Preto é Patrimônio Cultural da Humanidade. Para Silva (2005), o patrimônio em sua definição clássica se refere ao legado herdado do passado que é transmitido às futuras gerações. Mas o conceito vai além, está intrinsecamente ligado à uma escolha consciente de parcela relevante da população de manter viva a memória do patrimônio cultural no tempo, compreendendo todos os elementos que alicerçam a identidade de um grupo diferenciando-os dos demais (Silva, 2000). Para finalidades analíticas e puramente conceituais, adota-se neste artigo a definição de turismo cultural da Organização Mundial do Turismo, como sendo

movimentos de pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudo, teatralizações e excursões culturais, viagens para festivais e outros eventos culturais, visitas a localidades e monumentos, viagens para estudar a

natureza, folclore ou arte e peregrinações. O aspecto central nessa definição é que o turismo cultural envolve “essencialmente motivações culturais” (WTO, 2004 apud Richards, 2009).

Nessa perspectiva, a motivação do turista passa então a ser central na definição do conceito, já que leva em conta o consumo de bens turísticos estritamente culturais, o que diferencia um turista que planejou um passeio de ecoturismo pelas cachoeiras de Ouro Preto, mas que após um temporal mudaria os planos e visitaria museus e igrejas da cidade. O turista intencionalmente cultural viaja para o destino com uma motivação cultural primária. O exemplo supracitado, do ecoturista, elucida o turismo cultural acidental, consoante Ashworth e Turnbridge (1990). Ademais, o contato intercultural – entre os turistas e os moradores (ou hospedeiros) – promovido por essa categoria de lazer propicia intercâmbios culturais de contemporâneos de localidades distintas (Pérez, 2009).

O termo² “turismo religioso” é impreciso na leitura de Silveira (2007), tendo em vista a complexidade etimológica de duas palavras com intuítos sócio-culturais, a princípio, distintos. Apesar dessa ressalva e tendo em vista os objetivos analíticos deste estudo, a definição adotada segue Steil (1998), e turismo religioso refere-se à migração do sagrado como estrutura de percepção para o cotidiano das pessoas, para as atividades festivas, o lazer e o consumo.

No Brasil, as festas religiosas populares constituem as atividades urbanas mais antigas, (Perez *apud* Silveira, 2007). Silveira (2007), conquanto, explica que os roteiros de turismo religioso da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur) geralmente associam-se a atividades relacionadas ao Catolicismo, religião de grande representatividade no país, mas que não é a única, tal como o exemplo do Reinado, festa popular sincrética e com raízes tanto no Catolicismo quanto em religiões de matrizes africanas.

A próxima seção se dedica a apresentar a análise de conteúdo, técnica que metodologicamente subsidia estudo de caso empreitado.

² “O Turismo Religioso não é, necessariamente, um turismo feito por religiosos, místicos, santos populares, devotos e sacerdotes/profissionais de qualquer credo ou confissão religiosa. O adjetivo “religioso” deve ser reconhecido em sua amplitude espiritual e metafísica, embora esteja perigosamente comprometida com a perspectiva cristã – responsável pela sistematização desse significante, no universo do Império Romano e da Igreja Católica. Portanto, a correta definição para esse tipo de turismo encontra-se num exercício aproximativo. Trata-se de um fazer turístico capaz de manifestar algum dado de religiosidade. E é exatamente na religiosidade – no ato popular de professar o sistema de crenças chamado de Religião – que o Turismo Religioso pode ser comparado às peregrinações e romarias aos lugares sagrados, em momentos também sagrados” (Oliveira, 2003, pp. 1)

3. ANÁLISE DE CONTEÚDO

A partir de estudo de caso³ exploratório, esta pesquisa faz uso da análise de conteúdo para qualificar a entrevista realizada com a Diretora de promoção cultural da Secretaria de Cultura de Ouro Preto Secult-OP (Diretora) e com o Capitão da Guarda de Moçambique (Reinadeiro). Sobretudo, busca destacar como se deu e quais meios foram utilizados para que a festa acontecesse (e de que forma) durante um ano pandêmico, para além de sublinhar nas respostas obtidas, os conceitos trabalhados na seção anterior, em especial questões associadas ao sincretismo, à cultura e ao turismo. Destaca-se que, para tal, foi necessário entrevistar dois atores-chave na organização do evento. Após a entrevista, utilizou-se como método a análise de conteúdo. O questionário está disponível no Anexo A.

Esta técnica de investigação constitui que, a partir de descrição de determinado material de comunicação, sistematiza, esquematiza, quantifica, qualifica o conteúdo. As regras devem ser homogêneas, exaustivas no tocante à leitura e exploração de todo o material, exclusivas já que um mesmo elemento não deve participar de duas categorias singulares e distintas, objetivas para que diferentes analistas e especialistas aproximem-se de iguais resultados. Argumenta-se que, o método configura exploração enriquecedora (função heurística) para além do superficial instantâneo e subjetivo (Bardin, 1977).

A análise de conteúdo – que pode ser qualitativa, quantitativa ou ambas – surge no início do século XX nos Estados Unidos, mas torna-se mais difundida entre 1940 e 1950 (Caregnato & Mutti). Neste estudo importa, qualitativamente, a identificação de conceitos de sincretismo, identidade e cultura no escopo da entrevista realizada com líder dos congadeiros e gestora municipal corresponsável pelo Evento do Reinado em Ouro Preto (MG).

Moraes (1999) reitera o caráter teórico e prático da análise de conteúdo, especialmente no campo das ciências sociais, e que pode ser aplicado a diferentes materiais tais como cartazes, jornais, revistas, informes, livros, entrevistas, diários pessoais, filmes, entre outros. Categoricamente e consoante Moraes (1999, pp. 3-4), o presente estudo se volta majoritariamente para a questão “*Para dizer o que?*”, importando, tematicamente, o valor informacional e argumentativo das respostas e ideias trazidas.

³ Segundo Yin (2005 *apud* Toledo & Shiaishi) o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que investiga um contexto, um objeto bem definido, buscando esclarecer como *inputs* (decisões, ações) gerariam determinados *outputs* (resultados, objetivos). Ao explorar a organização da Festa do Reinado no contexto da pandemia, este estudo é limitado do ponto de vista de generalizações, tal como as realizadas em estudos quantitativos. Conquanto, estudos de caso do tipo exploratório colaboram na criação de subsídios analíticos e hipóteses a serem posteriormente testadas por meio de outras técnicas e outros pesquisadores.

Seguindo Ander-Egg (1978), possui três fases: i) Estabelecimento da unidade de análise que, debruçando-se sobre o conteúdo da entrevista; ii) Determinação das categorias de análise (categorias temáticas), que seguem os respectivos critérios/conceitos de interesse: a) o Congado e a questão da identidade; ii) sincretismo religioso; b) turismo, lazer e cultura; c) Seleção da amostra do material de análise. Direciona-se esforço dedutivo-interpretativo⁴ para o valor informacional, as palavras, argumentos e ideias expressas nas respostas. Ademais, a próxima seção apresenta trechos-chave extraídos do conteúdo integral da entrevista, na intenção de qualificar as interpretações e (inter) relações dos conceitos apresentados na segunda seção com a realização, *per se*, da celebração.

4. ENTREVISTA COM A SECULT-OP E COM REINADEIRO DO CONGADO DE OURO PRETO⁵

A entrevista para este trabalho se deu por meio de uma chamada de vídeo, através do *Google Meet*, no dia 25 de junho de 2021. Estavam presentes na entrevista a Diretora de promoção cultural da Secult-OP (Diretora) e o Reinadeiro (Reinadeiro), que exerce também função de Diretor da Promoção de Igualdade Racial na cidade de Ouro Preto.

A conversa durou cerca de uma hora, e contou com três grupos de perguntas, elaboradas pela autoria do artigo. O primeiro grupo contém questões referentes às mudanças oriundas pela Covid-19 e também perguntas gerais sobre a realização do evento, como: “Como eram as atividades festivas do Reinado antes da pandemia do Covid-19?” O segundo grupo se concentra em perguntas de ordem antropológica e sociológica, abarcando os conceitos de identidade, sincretismo e cultura. Uma das perguntas desenvolvidas é: “O evento é entendido pelos integrantes do grupo como uma manifestação de resistência, de empoderamento, de valorização e de identidades culturais inviabilizadas?”. Por fim, o último grupo trata especificamente sobre o turismo religioso, com perguntas do tipo: “Ouro Preto, cidade histórica, é mundialmente conhecida pelo turismo. Como o evento se relaciona com essa prática? Em específico, como se

⁴ Autor e autoras entendem que, consoante Moraes (1999, p. 3), “de certo modo a análise de conteúdo, é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados”. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação”.

⁵ A análise de imagem, consoante Coutinho (2006), diz respeito ao enquadramento, a perspectiva, a relação fundo/figura, a composição da imagem, a utilização da luz e cores. A relação entre os objetos representados e a função da mensagem visual. Desta forma, a imagem como texto visual a ser lido, seria marcada pela presença de diferentes maneiras de significar (Coutinho, 2006, pp. 336 e 340). Sabendo da existência de profícua literatura e estudos de análise de imagens, as quatro fotografias apresentadas nesta seção têm um caráter ilustrativo, e sua análise excederiam o escopo proposto no estudo de caso da Festa do Reinado de Ouro Preto.

relaciona com o turismo religioso?” Desse modo, é a partir das respostas dadas pelos entrevistados, que se dá a análise de conteúdo dos tópicos seguintes.

4.1. O Reinado e o Sincretismo Religioso

No cenário de pandemia, houve um cuidado muito grande para que o evento ocorresse. Com a incerteza de quando o Brasil estaria livre do novo coronavírus, a Diretora de promoção cultural e o Diretor da Promoção de Igualdade Racial e Reinadeiro formularam duas programações, uma no molde tradicional-presencial e outra no formato *on-line*. De acordo com entrevistados, para o próximo ano será feito da mesma forma, a Festa do Reinado terá programações alternativas. Fica evidente a importância da festividade para a comunidade que eles compõem, consoante as falas da Diretora e do Reinadeiro.

Ao descreverem como é a Festa, relatam que há uma “vibração diferente”, uma reinterpretação do passado em que houve negociação, assimilação, adaptação, e tudo isso foi transmitido, características do sincretismo de acordo com Ferretti (2001). Para os entrevistados, a prática do sincretismo na época da escravização também está ligada à resistência, à tudo que os negros passavam. Assim, mistura-se resistência, fé e sobrevivência (Reinadeiro, 2021). Dentro dos ritos católicos os negros conseguiam “driblar” os brancos inserindo mensagens, trocando informações e produzindo sua própria cultura.

Fica evidente a referência africana: “Tiraram os nossos ancestrais da África, mas não tiraram a África de dentro de nós. A África fica pulsando, no nosso sangue, no nosso coração” (Reinadeiro, 2021). Ainda que os afro-brasileiros nunca tenham ido ao continente, a história do Brasil e a história do Reinado propicia a criação das comunidades imaginadas, conforme Hall (2006), onde o pertencimento de grupo gera sentimentos de identidade e lealdade.

Figura 1: Celebração do Reinado 2020



Fonte: Elaborado pelos autores.

De acordo com os interlocutores, atualmente, o sincretismo religioso da Festa do Reinado é evidente, não há a necessidade ou desejo de camuflá-lo. “Agora a gente fala muito de reafirmação, fala muito de retomada das tradições, fala muito de retomar essas tradições que são negras, obviamente negras” (Diretora, 2021). A manutenção cultural da festa era feita por pessoas mais velhas, entretanto, nos últimos anos, jovens e crianças estão sendo atraídas para o Congado. Fato que para os congadeiros é muito positivo, pela possibilidade de a festividade perdurar muitos anos e continuar sendo passada de geração em geração, conscientemente.

Figura 2: Celebração do Reinado 2020



Fonte: Elaborado pelos autores.

É possível ver nas imagens (Figuras 1 e 2) que a maioria dos participantes da Festa do Reinado são negros (e negras), entretanto, pessoas não-negras também integram a celebração. Além disso, o sincretismo religioso também é perceptível na estética das vestimentas, como o uso de roupas brancas, turbantes, fios de contas e etc., usados nas religiões de matriz africana, assim como terços, santos, mantos e etc., típicas do Catolicismo.

4.2. Ancestralidade e Pertencimento

O Reinadeiro afirma que a continuação da tradição da Festa do Reinado traz aos participantes um sentimento de pertencimento, de um reavivamento da ancestralidade, por vezes oprimida. Sendo assim, essa ascendência é incorporada à identidade cultural dos integrantes. Para Cuche (2002), a construção de identidade cultural indica que os indivíduos incorporam tanto as tradições e costumes dos seus antepassados, quanto às que são submetidos contemporaneamente.

Questionados acerca da celebração como um movimento de resistência, na compreensão dos sujeitos sociais entrevistados, o sincretismo contido no Reinado desde a sua concepção e presente na contemporaneidade, configuraria movimento de união pela fé, pela (sobre)

vivência. A Diretora cita o fato da Igreja de Santa Efigênia conter vários elementos oriundos que remetem à matriz africana. A partir da perspectiva da Geografia da Religião trazida previamente, nota-se que, ao longo dos séculos, atritos e ideais dissonantes, a princípio intolerantes e excludentes, a partir do conhecimento e da resiliência de um povo, enraizou na cultura brasileira, em específico no território ouro-pretano, aspectos pacíficos de convivência:

Então assim, debaixo de um altar, embaixo de um altar católico ter alguma referência africana, de uma religião africana, é muito forte, né?! A inteligência dessas pessoas que vieram, que foram trazidas pra cá, não foi só para minerar, só pra isso, elas vieram pra cá porque elas sabiam minerar muito bem, não foi por acaso. Foi pela inteligência, pela expertise que elas tinham que elas foram trazidas pra cá. Só que eles entenderam, os brancos entenderam, que com o apagamento das relações, dos cortes que eles tentaram fazer, isso tudo ia ficar para trás, mas num determinado momento isso ressurgiu de novo, não adiantou muita coisa. Por um momento adiantou, mas depois não adiantou nada. Então isso aos poucos vai ressurgindo, muitas pessoas, como o Reinadeiro estava falando, assim, muita gente que se entende de outra religião, ainda mantém algumas coisas como bênçãos, por exemplo. Todo mundo leva na benzedeira para a benzedeira benzer. O menino tá com, "ah, tá com mal olhado, vou levar na benzedeira para a benzedeira benzer". O que é isso, né?! (Diretora, 2021)

Palavras do Reinadeiro (2021):

Eu acredito que esse sincretismo foi uma forma onde os nossos ancestrais se juntaram para poder resistir, sabe, a tudo que eles estavam passando. Então a formação de um Reinado em Ouro Preto é uma forma, como eu digo, uma forma política no sentido de resistência, fé e sobrevivência. Então eles tinham esse sincretismo de uma maneira também de negociação, de não incomodar os brancos, e os brancos viam naquela formação uma certa, tipo assim... "Opa, acho melhor, talvez a gente deixar, porque se tiver uma rebelião, uma revolta dos negros a gente "tá pego". Porque o número de negros é, e era né, muito maior do que o número de brancos, então se acontecesse uma revolta ia ter um massacre branco, então, eles tentaram de várias formas destruir essa união, essa formação negra. Mas, graças ao nosso Sagrado eles não conseguiram. De uma certa forma eles conseguiram, né, tirando a nossa dignidade, a nossa crença, mas a gente se remontou, se reestruturou, se reformou, no sentido de tipo, "ah, eu posso... canto uma música que quer dizer outra coisa, mas aí o branco vai achar que eu tô cantando, é, pra... Igual, tem capitão mais velho que fala: "enquanto o padre tava na frente rezando, o negro tava atrás do andor saravando", entendeu? E aí, era através das cantigas, dos cantos, tinham mensagens, tinham informações, "olha, presta atenção ó, vamos passar por esse caminho, vamos fazer isso", às vezes achavam "eles só tão dançando", "eles só tão cantando", mas através daquele canto, daquela dança, tinha troca de sabedoria.

Além disso, outro ponto que o Reinadeiro ressalta, ao ser perguntado sobre a programação do evento, é a importância de se ter atividades para além do bairro periférico em que vivem, levando assim, a festa para o Centro Histórico de Ouro Preto. Isso simboliza uma ocupação da cidade e a criação de pertencimento sobre ela. Visto que, muitas pessoas que participaram da festa, não haviam pisado em lugares como a Casa da Ópera, um dos principais pontos turísticos da cidade e construção antiga da época colonial. A partir da leitura de Santos (2002), esse movimento o qual os Congadeiros fazem até o centro histórico, saindo do

periférico, daria sentido de uso ao território, (re) afirmando assim, suas identidades e seu pertencimento àqueles espaços.

Figura 3: Celebração do Reinado 2020



Fonte: Elaborado pelos autores.

Outros dois importantes locais ou pontos da cidade, que remetem ao pertencimento através da ocupação do território, são a Igreja de Santa Efigênia (Figura 3) e a Mina Chico Rei. O cortejo passa na frente da Igreja reverenciando a Santa que é negra e se encaminha até a Mina Chico Rei, e após chegar a essa última, volta fazendo o percurso inverso até o Bairro de partida (Alto da Cruz). Segundo a Diretora, esses são pontos importantes, porque para se chegar à Igreja, partindo da Mina, sobe-se uma ladeira muito íngreme. A fé através da dança e dos cantos movem as pessoas nesse esforço. “Essas tantas pessoas, 35 grupos de muitas pessoas sobem essa ladeira, e outras tantas pessoas vão atrás. Isso tudo é muito forte” (Diretora, 2021).

4.3. A Festa do Reinado e sua Relação com o Turismo em Ouro Preto

No evento do Reinado, toda organização e preparo parte da Secretaria da Cultura, em parceria com a Associação de Congadeiros, informou o Reinadeiro. A Prefeitura e demais secretarias, como a de turismo, por exemplo, têm papel secundário, transversal. A Associação

de congadeiros realiza, com apoio da Prefeitura em termos de palcos, estruturas e logística, contratando bens e serviços da economia local, movimentando as cadeias e atividades do setor.

O fato do Reinado ser registrado como patrimônio imaterial no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) fortalece o caráter turístico cultural da festa, o orçamento para execução é integralmente municipal, proveniente de transferência realizado pelo Governo Federal do Fundo de Patrimônio. No contexto de pandemia, a maior parte da programação ocorreu de forma online. Essa programação online foi composta por transmissão pelo *Youtube* e *Facebook* de rodas com pesquisadores acerca do tema, como a Prof. Dra. Leda Martins, exibição de filme e também o lançamento de uma coleção de camisetas. Contudo, a programação também teve parcialmente a presença do público. Foram 6 oficinas que contaram com público máximo de 10 pessoas, propiciando o distanciamento. Essas oficinas tiveram como tema a fabricação de bonecas Abayomi, contação de histórias, oficina de toques de tambor e Gunga, apresentação musical.

Quando perguntado sobre o fluxo de grupos que participam do evento, o Reinadeiro respondeu que em média 35 corporações com cerca de 30 a 40 pessoas viajam para participar do evento. Através de uma lista de presença passada no dia pelos organizadores locais, essa estimativa é confirmada, somando anualmente cerca de 2000 congadeiros. Esse significativo grupo de pessoas é motivado por razões majoritariamente religiosas, mas que encadeiam motivações turísticas, gerando o intercâmbio cultural citado nos textos da literatura do tema (Pérez, 2009; Richards, 2009). Tendo em vista a pandemia da Covid-19, o ano de 2021 contou apenas com dois grupos locais de 40 pessoas, mas parte da programação foi transmitida pelos organizadores e “a presença mesmo on-line foi muito grande” (Reinadeiro, 2021). No canal oficial de transmissão no YouTube, “Amigos do Reinado – Ouro Preto – MG”, os vídeos somavam em outubro de 2021 mais de 500 visualizações. A celebração é a primeira do calendário de eventos do município, conforme trecho:

(...) essa festa é a primeira festa do calendário municipal, né, então ela já chega com uma força muito grande. E a cada ano isso vai crescendo, vão vindo pesquisadores de outros lugares para poderem acompanhar, vão vindo outros turistas, vão vindo muita gente. Esse ano infelizmente não deu para muita gente acompanhar presencialmente, mas a presença mesmo on-line foi muito grande (Diretora, 2021).

O grupo de congado tem calendário de eventos em outros estados do país, prática entendida como “pagar visita”, como explica o Reinadeiro:

Sim, a gente tem um calendário, né, de viagens, onde a gente... A gente fala, a gente fecha compromisso com outras irmandades, a gente fala "pagar visita", que é como se fosse intercâmbio cultural, pagar visita eles vêm na nossa cidade, fazem festa pra gente, a gente vai na cidade deles, faz festa pra eles. Então a gente tem a festa nossa

aqui em janeiro, aí no terceiro domingo tem uma em Lafaiete, que é a festa de São Sebastião, aí a gente dá uma parada por conta de carnaval, quaresma, aí a gente abre o nosso calendário novamente na festa de São Benedito em Aparecida do Norte, e por aí vai: Del Vale, Congonhas, Lafaiete, Barrinha de Santana, Bento de Moraes, Betim, Belo Horizonte, e fora as daqui dos distritos de Ouro preto: Santa Rita, Cachoeira do Campo, Piedade de Santa Rita, dentre outras (Reinadeiro, 2021).

Figura 4: Celebração do Reinado 2020



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em específico à promoção do turismo na cidade, a festa, ao mesmo tempo que fortalece as identidades culturais locais, movimenta as cadeias do setor nos meses que antecedem janeiro e principalmente nos dias do evento, atraindo excursionistas e turistas, magnetizados por essa manifestação cultural (Figura 4). A preparação dos processos jurídicos e documentais ocorrem entre agosto e setembro do ano que antecede o evento. Nas palavras do Reinadeiro (2021),

a festa ela fomenta a cultura, fomenta o turismo, ela valoriza a cidade, o nome né, o patrimônio, não só nessa questão eurocêntrica, como ela vendida muitas vezes, né, e sim na sua força real, e em tudo aquilo que a faz pertencente. A cidade, né.

A diretora ainda completa, ao responder como o evento se relaciona com a prática do turismo religioso, que a celebração tem atraído cada vez mais pessoas⁶. Atraídas pelo evento ao

⁶ A ausência de pesquisa de demanda turística na cidade e para o evento do Reinado limita uma quantificação exata do fluxo turístico anual da festa. A Secretaria de Turismo informou que em 2018 os trabalhos estatísticos nesse

mesmo tempo que atraídas pela integração da cultura negra afro-brasileira. No ano de 2020, relatado pelo Reinadeiro, o evento recebeu o diretor musical e capitão de congado Maurício Tizumba e o artista brasileiro Sérgio Pererê.

Os eventos realizados na semana da Festa na Casa de Cultura Negra, na Casa da Ópera entre outros locais, agregam atratividade à manifestação cultural, proporcionando lazer tanto para os residentes quanto para os turistas que visitam a cidade. Como uma festa religiosa popular, a celebração do Reinado, ano após ano, fortalece seus pilares culturais que interligam gerações presentes às passadas, com intencionalidade explícita de manter viva a memória dos antepassados e a história afro-brasileiras.

Na edição de 2021, o intercâmbio cultural foi impactado e ocorreu de forma improvisada. Para o ano de 2022, o orçamento será elaborado no mesmo formato, com uma alternativa presencial e respeitando o distanciamento e outro modelo majoritariamente online com eventos pontuais em locais, presencialmente. Numa leitura de previsão do Reinadeiro, o evento só aconteceria nos moldes tradicionais de outros anos em 2023.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Festa do Reinado pode ser considerada como um resgate à África, porém “cristianizado”, sincrético. Parte de uma narrativa de Reinado africano, com Rei e Rainha Congo, Guardas, Soldados, Capitães e Corte. Os participantes da festa rompem com o tempo, com as distâncias, estabelecendo uma relação de pertencimento com espaço e território. Curiosamente nas celebrações, a imagem cultuada de Nossa senhora do Rosário, às vezes é branca e às vezes é negra, não só em Ouro Preto, mas também em outras cidades de Minas Gerais. Isso nos coloca a pensar que, apesar de se tratar de uma celebração originalmente negra, reforça-se o protagonismo da Igreja Católica e de seus santos embranquecidos, evidência de processos como o racismo histórico-estrutural (Almeida, 2019).

As imagens do evento, trazidas como ilustração, demonstram o quão atrativa a festividade se mostra, tanto aos moradores de Ouro Preto, mas principalmente aos integrantes de outros grupos de congado de todo o Brasil. O Reinado costura, no mínimo, duas teias relacionais. A primeira se liga à cultura e ao sincretismo. Ademais, o evento, realizado anualmente, mobiliza outros grupos de congadeiros até a cidade de Ouro Preto, fortalecendo o

âmbito encerraram-se. Seguindo a estimativa do Reinadeiro, cerca de 2000 congadeiros viajam para participar do evento. No dia da festa, somam-se a estes, residentes e turistas, conforme registros fotográficos apresentados.

destino como atrativo cultural relevante, gerando trabalho e renda em todo o período da festividade, apesar das barreiras historicamente impostas relatadas.

Esse estudo buscou entender como ocorreu a celebração tendo em vista a pandemia do Covid-19 e também quais os efeitos no fluxo de visitantes/turistas ao longo do período em comparação ao ano de 2020. Em 2021, as cadeias econômicas foram parcialmente interrompidas, o que não impediu que o evento fosse realizado de forma alternativa, parcialmente digital, seguindo as medidas de distanciamento e recomendações da Secretaria Municipal de Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS). Há de se considerar as identidades e subjetividades dos respondentes. O entendimento dos mesmos das perguntas e as respostas compreendem uma fotografia em um contexto cultural mais amplo, com atrizes e atores sociais não contemplados e não entrevistados nessa pesquisa, especificamente. Essas lacunas abrem novas janelas de pesquisa, que ao se somar, corroboram na construção do conhecimento relacionado ao turismo, ao sincretismo e à cultura.

REFERÊNCIAS

- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Pólen Livros.
- Ander-Egg, E. (1978). *Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales*. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas.
- Asworth, G. & Turnbridge, J. (1990): *The Tourist-Historic City*. London: Belhaven.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70.
- Canevacci, M. (2013). *Sincretika: explorações etnográficas sobre arte contemporânea*. São Paulo, SP: Studio Nobel.
- Caregnato R. C. A. & Mutti R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm*, 15(4), 679-84.
- Corbari, D. S., & Grim, J. I. (2020). A pandemia de covid-19 e os impactos no setor do turismo em Curitiba (PR): uma análise preliminar. Dossiê - Turismo em tempos de pandemia [número especial]. *Ateliê do Turismo*, 4(2), 1-26.
- Cuche, D. (1999). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc.
- Cuche, D. (2002). Cultura e Identidade. In: *A noção de cultura nas ciências sociais*. Sp: Edusc.
- Dados e Fatos (2021). Extrator de Chegadas de Turistas Internacionais ao Brasil. Disponível em <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/extrator-turistas.html>>. Acesso em 30 out.2021.

- Ferretti, S. F. (2001). Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil modelos, limitações, possibilidade. *Rev.Tempo*, 11,13-26.
- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 22 (2), 15-46.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural da pós-modernidade*. São Paulo: DP&A.
- Martins, L. M. (1997) Afrografias da memória. Belo Horizonte, Editora Perspectiva.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, 22(37), 7-32.
- Nogueira, M. G. (1987). O Papel do Turismo no Desenvolvimento Econômico e Social no Brasil. *Revista Administração Pública*, 21(2), 37-54.
- Oliveira, C. D. M de. (2003). Turismo Religioso: uma Breve Apresentação. *Revista Turismo e Hospitalidade*, São Paulo, 1-3.
- Oliveira, J. R, & Capraro, A. M. (2020). As implicações da pandemia do COVID-19 em um atrativo turístico esportivo: um Estudo de Caso sobre o Fútbol Club Barcelona. *Revista Iberoamericana de Turismo* 10(2) 165-186.
- Pereira, C. J. (2013). Geografia da religião: Um alhar panorâmico. *Espaço Geográfico em Análise*, 27, 10–37.
- Peréz, X. P. (2009). Turismo cultural. Uma visão antropológica. Tenerife, Espanha.
- Queiroz, G. R. C. A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Paula Cândido (MG): Identidade, memória e ritual no Congado e Reinado. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1041> Acesso em: 16 jul.2021.
- Rêgo, G. C de B., Barros, A. G. A de L., & Lanzarini, R. (2021). Turismo de eventos e covid-19: aportes dos protocolos de segurança e estratégias para a retomada do setor. *Ateliê do Turismo*, Campo Grande (MS), 5(1), 89-118.
- Richards, G. (2009). Turismo Cultural: padrões e implicações. In: CAMARGO, P; CRUZ, G. *Turismo Cultural; estratégias, sustentabilidade e tendências*. Uesc: Bahia, 25-48.
- Richards, G. (2009). Turismo Cultural: padrões e implicações. In: Camargo, P, & Cruz, G. *Turismo Cultural; estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus.
- Rosendahl, Z. (1995). Geografia e religião: uma proposta. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro: Eduerj.
- Sanchis, P. (1994). O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira”. *Revista de Antropologia*, 39.
- Sanchis, P. (1997). As religiões dos brasileiros. *Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, 1(2), 28-43.
- Santos, M. (2002). O Dinheiro e o Território. *Geographia*, 1 (1), 7-13.

Santos, A. M. (2019). O Grande Ananga Muquixe Chico Rei: a presença do mito negro do Reinado do Alto da Cruz e nas escolas de Ouro Preto MG. Recuperado de: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/11740/>

Seturop. (2021) Secretaria de Turismo de Ouro Preto: *Pesquisas*. Disponível em < <https://turismo.ouropreto.mg.gov.br/pesquisas>>. Acesso em 27 out. 2021.

Silva, E. P da. (2005). Patrimônio e identidade. Os desafios do turismo cultural.

Silveira, E. J. S. da. (2007). Turismo Religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. São Paulo, *18*(1), 33-51.

Steil, C. A. (1998) Peregrinação e turismo: o Natal Luz em Gramado e Canela. *XXII Reunião da ANPOCS*, Caxambu.

Takasago, M., Guilhoto, J. J. M., Mollo, M. R. L., & Andrade, J. P. (2010). O potencial criador de emprego e renda do turismo no Brasil. *Pesquisa e planejamento econômico*, 40, 439-468.

Toledo, L. A., & Shiraishi, G. D. F. (2009). Estudo de caso em pesquisas exploratórias qualitativas: Um ensaio para a proposta de protocolo do estudo de caso. *Revista da FAE*, *12*(1), 103-119.

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTA ARTIGO

DIAS, L. C., FERREIRA, L. S., & FREITAS, S. L. (2022). Sincretismo religioso e turismo cultural: a celebração do Reinado em Ouro Preto (MG) no contexto da pandemia de Covid-19. *Revista de Turismo Contemporâneo*, *10*(1), 140-161. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2022v10n1ID26315>
